

ATIVIDADE ECONÔMICA

Indicadores mensais de indústria, comércio e serviços: outubro e novembro de 2022

Sumário

O ritmo de expansão da atividade econômica nos dois primeiros meses do quarto trimestre começa a dar sinais de arrefecimento. Como já era esperado, os efeitos associados à implementação de uma política monetária contracionista tenderiam a reduzir a demanda, particularmente naqueles bens cuja aquisição é mais dependente de financiamento via crédito. Além disso, ao longo dos últimos meses, a situação financeira das famílias vem deteriorando, resultado de um aumento do comprometimento da renda com os serviços de dívidas passadas. Neste contexto, as decisões de consumo continuam mais direcionadas para os serviços, enquanto o setor de bens tem enfrentado condições um pouco mais adversas. A perda de fôlego da demanda interna também afeta o desempenho do setor industrial que, após se recuperar dos gargalos de oferta impostos pela crise sanitária, se depara com um ritmo menos aquecido da economia. Como consequência, as pesquisas de sentimento vêm indicando de forma generalizada uma forte piora no nível de confiança dos agentes, tanto empresários quanto consumidores. Corroborando este cenário, o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) e o Monitor do PIB, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), indicadores que buscam retratar o nível geral da atividade econômica brasileira em base mensal, registraram desempenho modesto em outubro. Enquanto o IBC-Br permaneceu estagnado na margem pelo segundo mês consecutivo, o Monitor do PIB cresceu apenas 0,1% na mesma base de comparação, com alta de 2,8% em termos interanuais. Em relação a novembro, influenciada pelos resultados esperados para a indústria, comércio e serviços, a previsão da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea) é que o Monitor do PIB apresente recuo na margem, com queda de 0,5%. Com este resultado, as perspectivas para o desempenho do PIB no quarto trimestre deterioraram, ao reduzir o efeito de *carry-over* auferido no período anterior.

Entre os setores, a indústria manufatureira tem se deparado com fatores limitantes pelo lado da demanda, desacelerando o ritmo de crescimento observado ao longo da primeira metade do ano. De acordo com a Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física (PIM-PF), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção industrial avançou 0,3% entre outubro e setembro, na série com ajuste sazonal, interrompendo uma sequência de dois meses com variação negativa. Apesar do crescimento na margem em outubro, a análise com base na evolução do indicador em médias móveis trimestrais aponta para um cenário de desaceleração. Embora os problemas relacionados às cadeias produtivas globais e aos custos elevados dos insumos venham diminuindo, outros fatores têm prejudicado o desempenho industrial nos últimos meses. No mercado interno, o aumento da incerteza associada às questões

Leonardo Mello de Carvalho
Técnico de Planejamento e Pesquisa
da Diretoria de Estudos e Políticas
Macroeconômicas na Dimac/Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

Divulgado em 16 de dezembro de 2022.

envolvendo a condução da política econômica, particularmente no tocante à agenda fiscal, assim como os efeitos da política monetária contracionista, tem impactado negativamente na demanda por bens industriais. No mercado externo, a desaceleração esperada para a atividade econômica global, provocada pela retirada das medidas de incentivo ao crescimento e pelo endurecimento da política monetária visando conter as taxas de inflação, tem deteriorado as expectativas. Para novembro, a Dimac estima que a produção industrial permaneça estagnada na comparação sem efeitos sazonais, com uma alta de 1% sobre o mesmo período de 2021.

As vendas no comércio varejista, medidas na Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), do IBGE, avançaram 0,5% na comparação entre outubro e setembro, na série livre de influências sazonais. Embora este resultado tenha representado a terceira variação positiva nesta base de comparação, a análise em médias móveis aponta para um cenário mais modesto. O crescimento de 0,2% verificado na média móvel do trimestre encerrado em outubro foi o primeiro resultado positivo após quatro meses de queda. O resultado positivo registrado pelo comércio varejista nos últimos três meses deve ser visto com alguma cautela, uma vez que, embora as famílias ainda estejam se beneficiando da melhora ocorrida nos indicadores de mercado de trabalho ao longo do ano, traduzida em aumento dos níveis de emprego e de renda, sua saúde financeira, em contrapartida, vem piorando. Num contexto ainda caracterizado por inflação elevada, os efeitos do encarecimento do crédito vêm pressionando o orçamento familiar. Como consequência, os indicadores de inadimplência seguem aumentando, ao passo que o comprometimento da renda das famílias com o serviço de dívidas passadas atingiu níveis historicamente elevados. Nossas previsões apontam queda de 1,2% para o resultado do comércio varejista (conceito ampliado) em novembro, na série sem efeitos sazonais. As vendas no varejo restrito, por sua vez, devem recuar 1%, na mesma base de comparação.

O setor de serviços, por fim, segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do IBGE, recuou 0,6% em outubro, na série livre de efeitos sazonais. O resultado sucedeu crescimento de 0,5% no período anterior, quando o indicador atingiu o ponto mais alto da série histórica, e interrompeu sequência de cinco meses de crescimento na margem. Na comparação em médias móveis de três meses, a atividade registrou crescimento dessazonalizado de 2,6%, sendo este o 27º período seguido de alta. Em relação ao mesmo período do ano anterior, os serviços aumentaram 9,5% em outubro, acumulando no ano alta de 8,7%. O desempenho da atividade de serviços continua sendo o principal motor de estímulo para a economia brasileira, mas vale ressaltar que, embora a perda de fôlego recente possa ser vista como apenas uma acomodação, alguns dos fatores responsáveis por esse forte desempenho tendem a perder um pouco de força nos próximos meses. Em relação a novembro, a Dimac/Ipea projeta um novo recuo na margem para o indicador geral da PMS na comparação com outubro (com ajuste sazonal), com alta de 6,5% sobre novembro de 2021.

1 Resultados gerais

O comportamento recente dos indicadores setoriais indica que a atividade econômica perdeu tração nos dois primeiros meses do quarto trimestre. De um modo geral, houve uma deterioração do cenário macroeconômico, provocada pelo aumento dos níveis de incerteza, aperto nas condições financeiras e redução generalizada dos níveis de confiança. Entre os principais setores produtivos, levando em conta suas particularidades, estes fatores têm imposto desafios para o seu desempenho. Embora a produção industrial e as vendas tenham avançado em outubro, com altas de 0,3% e 0,5%, respectivamente, a análise com base nas médias móveis, menos sujeita à volatilidade mensal, revela trajetórias de crescimento modestas. Já o setor de serviços, após atingir o ponto mais alto da série histórica em setembro, demonstra alguma exaustão no que se refere aos fatores responsáveis pelo seu forte crescimento ao longo do ano. Com isso, o indicador mensal Monitor do PIB permaneceu praticamente estagnado na margem, com avanço de 0,1% em outubro. Na comparação com outubro de 2021, o indicador registrou alta de 2,8%. O IBC-Br, por sua vez, apresentou crescimento nulo na margem e de 3,7% em termos interanuais (tabela 1).

TABELA 1

Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento e previsões para novembro de 2022
(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior			
	Ago./22	Set./22	Out./22	Previsão Dimac/Ipea - Nov./22	Ago./22	Set./22	Out./22	Previsão Dimac/Ipea - Nov./22
Monitor do PIB	-0,8	-0,2	0,1	-0,5	4,2	2,9	2,8	1,7
Produção Industrial	-0,6	-0,7	0,3	0,0	2,8	0,4	1,7	1,0
Comércio Varejista (ampliado)¹	0,0	1,5	0,5	-1,2	-0,7	0,9	0,3	-2,5
Comércio Varejista (restrito)	0,2	1,2	0,4	-1,0	1,6	3,2	2,7	-0,7
Serviços	1,2	0,5	-0,6	-0,3	8,7	9,4	9,5	6,5

Fonte: IBGE; FGV; Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Indicador do comércio varejista ampliado, incluindo as vendas de veículos e de materiais de construção.

O desempenho da atividade em outubro foi caracterizado, uma vez mais, pelo nível de difusão abaixo de sua média histórica, situada em torno de 52%. Na comparação com setembro, já excluídos os efeitos sazonais, 41,4% dos segmentos registraram variação positiva, ante 44,8% no período anterior. Com base na análise em médias móveis de três meses, o indicador de difusão atingiu 44% em outubro, resultado que representou uma queda de 15,5 pontos percentuais (p.p.) em relação ao pico recente verificado em maio (gráfico 1).

Em relação aos resultados referentes a novembro, com base nas informações disponíveis até o momento, a Dimac/Ipea projeta continuidade na acomodação da atividade econômica (tabela 1). A produção industrial, apesar do abrandamento das restrições de oferta, tem enfrentado um cenário mais adverso no tocante à demanda interna. Estimamos um crescimento nulo entre novembro e outubro, na série sem efeitos sazonais. O setor de serviços, por sua vez, deve sofrer novo recuo na margem (-0,3%), embora ainda siga estimulado por alguma demanda reprimida e pela melhora ocorrida até o momento no mercado de trabalho. Já para o setor de comércio, estamos prevendo um desempenho fraco para as vendas tanto no conceito ampliado quanto no restrito, com quedas de 1,2% e 1% na margem, respectivamente. Neste contexto, esperamos uma redução do Monitor do PIB na comparação dessazonalizada em novembro, com queda de 0,5%, reduzindo o *carry-over* para o quarto trimestre.

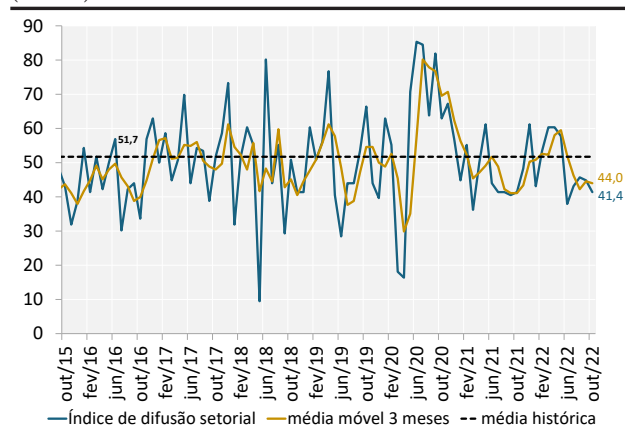
2 Indústria

A produção industrial, de acordo com a PIM-PF, avançou 0,3% entre outubro e setembro, na série com ajuste sazonal, interrompendo uma sequência de dois meses com variação negativa. Apesar do crescimento na margem em outubro, a análise com base na evolução do indicador em médias móveis trimestrais aponta para um cenário de desaceleração. Ainda em termos dessazonalizados, a média móvel encerrada em outubro intensificou o ritmo de queda em relação ao verificado no período anterior, passando de -0,3% para -0,8%. Vale destacar que o resultado de setembro havia interrompido uma sequência de altas nesta base de comparação que durava

GRÁFICO 1

Atividade econômica: evolução do indicador de difusão setorial¹ (out./2015-out./2022)

(Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ O indicador de difusão setorial mede a porcentagem dos segmentos produtivos que registraram crescimento na comparação com o período anterior, já descontados os efeitos sazonais. Seu cálculo é realizado a partir do desempenho de cinquenta segmentos, definidos de acordo com as classificações utilizadas nas pesquisas setoriais do IBGE (PIM-PF, PMC e PMS).

desde dezembro de 2021. Nas comparações interanuais, a produção registrou aumento de 1,7% em outubro, a terceira variação positiva seguida, acelerando o crescimento na média móvel, que passou de 0,9% para 1,6% entre setembro e outubro. Este resultado, todavia, não foi suficiente para evitar as quedas no acumulado do ano e em doze meses, que foram de -0,8% e -1,4%, respectivamente (tabela 2).

TABELA 2

Produção industrial (PIM-PF) e grandes grupos econômicos: evolução das taxas de crescimento

(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Ago./22	Set./22	Out./22	Trim. ¹	Ago./22	Set./22	Out./22	Trim. ¹	no ano	Em doze meses
Geral	-0,6	-0,7	0,3	-0,8	2,8	0,4	1,7	1,6	-0,8	-1,4
Classes										
Indústrias Extrativas	-3,1	1,8	0,6	0,5	-7,3	-5,7	4,5	-3,1	-3,2	-2,2
Transformação	-0,3	-1,4	0,0	-1,1	4,1	1,2	1,4	2,2	-0,5	-1,3
Grupos Econômicos										
Capital	5,8	-0,7	-4,1	1,0	4,0	4,6	-0,2	2,8	-0,5	0,2
Intermediários	-1,6	-1,0	0,7	-1,0	2,1	-0,3	1,9	1,2	-0,7	-1,1
Consumo	-1,1	-0,8	0,3	-0,9	4,0	0,7	2,4	2,4	-1,2	-2,6
Duráveis	6,1	-0,2	-2,7	2,3	13,6	10,5	11,8	12,0	-3,7	-6,5
Semi e Não Duráveis	-2,0	-1,4	0,3	-2,0	1,9	-1,4	0,4	0,3	-0,6	-1,7
Insumos da Construção Civil	-1,8	-1,3	-0,4	-2,7	-4,3	-5,3	-3,3	-4,3	-7,0	-7,5

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

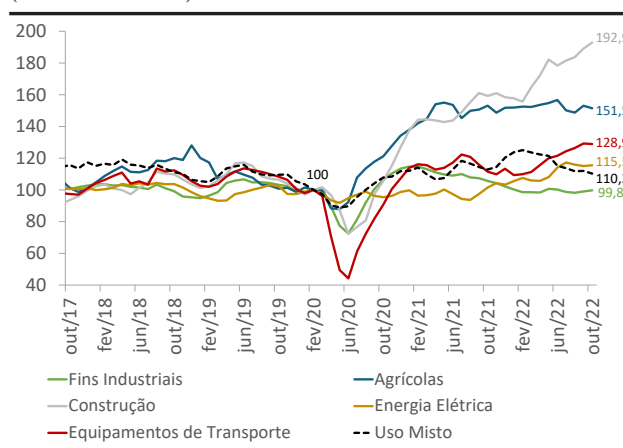
Entre os grandes grupos econômicos, o resultado na comparação dessazonalizada foi heterogêneo. A produção de bens intermediários foi o destaque positivo com avanço de 0,7% na margem em outubro. Na comparação em médias móveis, todavia, a queda de 1% em outubro representou o quarto recuo consecutivo. No acumulado do ano, o setor retirou 0,4 p.p. no resultado da indústria. Já o setor de bens de consumo duráveis recuou pelo segundo mês consecutivo, registrando baixa de 2,7% na margem. Segmento com o maior hiato em relação aos níveis pré-pandemia (-18,8% ante fevereiro de 2020), a produção de duráveis cresceu pelo quinto mês consecutivo na média móvel, embora tenha apresentado desaceleração nos últimos dois períodos.

De modo similar ao setor de duráveis, embora tenha registrado recuo de 4,1% em outubro, na série livre de efeitos sazonais, a produção de bens de capital voltou a crescer na comparação em médias móveis (1%), a sexta variação positiva nos últimos sete meses. Com isso, o segmento situa-se num patamar 10,3% acima do verificado em fevereiro de 2020. Desde o final do processo de recuperação da forte queda gerada pela crise sanitária de covid-19, grande parte do crescimento da demanda por bens de capital pode ser explicada pelos desempenhos do setor agropecuário e, principalmente, do setor da construção civil, cujo ritmo de crescimento segue acelerando. A demanda de máquinas e equipamentos para fins industriais, em contrapartida, mantém trajetória de crescimento nulo ao longo de 2022 na série em médias móveis (gráfico 2).

GRÁFICO 2

Produção industrial, índices especiais: bens de capital por segmento – séries dessazonalizadas (médias móveis de três meses)

(Fev./2020 = 100)



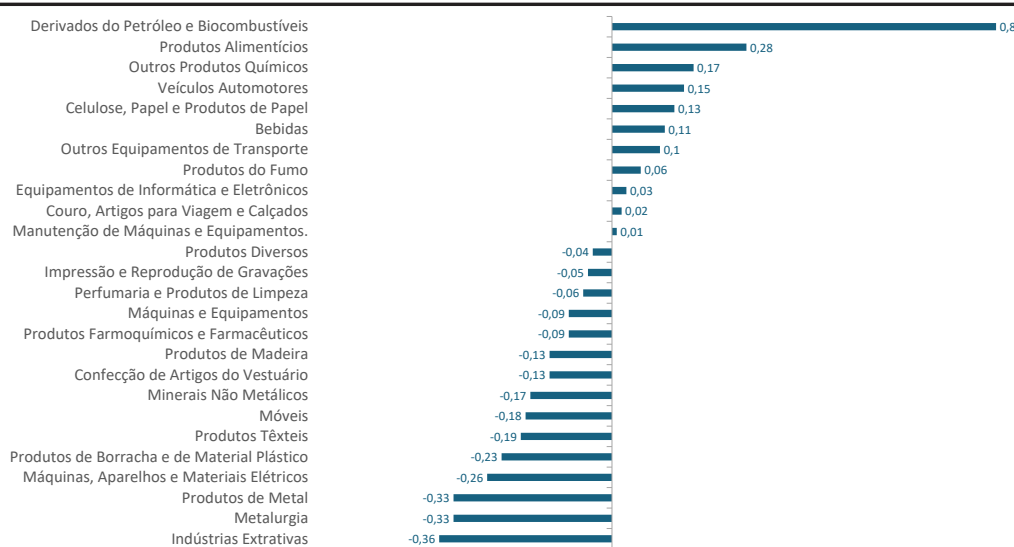
Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Na abertura por classes de produção, a indústria de transformação, componente com o maior peso no PIB industrial (54%), segue apresentando resultados modestos. Tendo registrado queda de 1,1% no trimestre encerrado em outubro, em termos dessazonalizados, a produção do setor acumula retração de 0,5% em 2022, subtraindo 0,44 p.p. no resultado da indústria geral (-0,8%). Já as indústrias extrativas foram responsáveis pelo 0,36 p.p. restante. Entre os setores, o desempenho tem sido heterogêneo. Com base na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) versão 2.0, entre os 26 segmentos que compõem a indústria de transformação, quatorze exerceram contribuição negativa no resultado da indústria geral, com destaque para as atividades *metalurgia, produtos de metal* (ambas subtraindo 0,33 p.p.) e *máquinas, aparelhos e materiais elétricos (exceto máquinas e equipamentos)*, com contribuição negativa de -0,26 p.p. Entre aqueles com contribuição positiva no resultado acumulado no ano, destacaram-se os segmentos *coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis e produtos alimentícios*, que adicionaram 0,8 p.p. e 0,28 p.p., respectivamente (gráfico 3). Já com relação aos níveis de produção prevaletentes pré-pandemia, a indústria ainda apresenta hiato significativo. Em outubro, apenas oito segmentos atingiram patamar superior ao observado em fevereiro de 2020, período imediatamente anterior ao início da crise de covid-19. Entre eles, os principais destaques ficaram por conta das atividades *outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores* (+13,8%) e *máquinas e equipamentos* (+12,5%).

GRÁFICO 3

Produção industrial: setores CNAE – contribuição para a taxa de variação acumulada no ano da indústria geral (out./2022)
(Em pontos percentuais)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

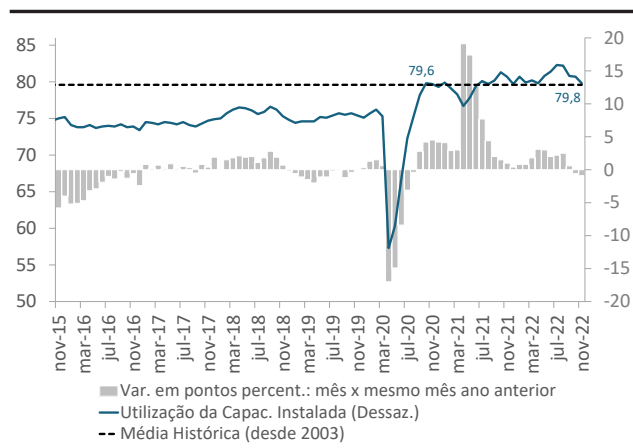
O arrefecimento no desempenho industrial nos últimos meses tornou-se mais intenso em novembro, de acordo com alguns indicadores coincidentes disponíveis até o momento. No mercado interno, o aumento da incerteza associada às questões envolvendo a condução da política econômica, particularmente no tocante à agenda fiscal, e os efeitos da política monetária contracionista têm impactado negativamente na demanda por bens industriais. No mercado externo, a desaceleração esperada para a atividade econômica global, provocada pela retirada das medidas de incentivo ao crescimento e pelo endurecimento da política monetária visando conter as taxas de inflação, tem deteriorado as expectativas. Outro fator de *stress* na economia internacional diz respeito à continuação indefinida da guerra da Ucrânia.

Esta piora no cenário também pode ser verificada nos resultados das pesquisas qualitativas (*soft data*), que indicam redução significativa nos níveis de confiança dos empresários industriais nos últimos meses, refletindo redução em novos pedidos e no número de contratações, expectativa para demanda externa, entre outros quesitos. Com isso, o nível de utilização da capacidade instalada (Nuci) médio, divulgado pela FGV, vem retrocedendo nos últimos meses, retornando para patamares próximos da sua média histórica (gráfico 4).

Em contrapartida, alguns fatores podem ser favoráveis para o desempenho da indústria nos próximos meses. Com o anúncio recente de medidas de flexibilização em relação ao protocolo Covid Zero na China, que vinha limitando sua atividade, melhoram as perspectivas para o seu crescimento econômico, com impacto positivo no preço de *commodities*. Outro fator positivo diz respeito à redução das restrições pelo lado da oferta, pelo menos aquelas associadas aos efeitos da crise sanitária da covid-19, que parecem ter ficado para trás. Ao longo de 2022, a preocupação e os relatos envolvendo problemas nas cadeias produtivas, assim como o aumento no custo dos insumos, têm perdido força entre os principais problemas enfrentados no setor e relatados nas pesquisas junto aos empresários. No segmento automobilístico, por exemplo, um dos mais afetados pelos gargalos de oferta, a progressiva superação dessas dificuldades vem normalizando os níveis de produção e estoques, colocando cada vez mais importância nas questões relacionadas à demanda, particularmente em função do aperto monetário e do aumento de incerteza (gráfico 5).

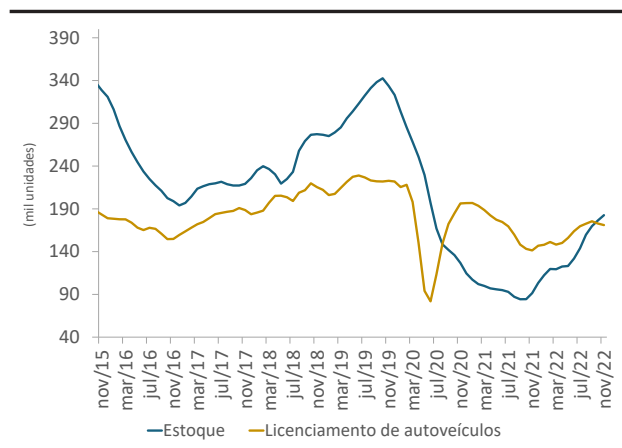
Para novembro, a Dimac/Ipea estima que a produção industrial tenha permanecido constante na série sem efeitos sazonais, com alta de 1% na comparação com o mesmo período de 2021 (tabela 3). Com isso, o *carry-over* para o quarto trimestre ficaria em -0,4%. Esse resultado contou com uma contribuição positiva das indústrias extrativas, que estimamos terem avançado 1,9% na margem. Já a indústria de transformação deve registrar queda de 0,1% na mesma comparação. Entre os segmentos, os destaques ficariam por conta da produção de veículos e metalurgia, com crescimentos previstos de 3,8% e 3,7%, respectivamente.

GRÁFICO 4
Nuci: evolução do nível dessazonalizado e taxas de crescimento
 (Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5
Setor automobilístico: licenciamento versus estoque – séries dessazonalizadas
 (Médias móveis de três meses)



Fonte: Ipea; IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 3

Indústria por setores produtivos: desempenho recente e previsão para novembro de 2022 – variação contra o período anterior dessazonalizada

(Em %)

	jun	jul	ago	set	out	nov	
Indústria geral	-0,4	0,5	-0,6	-0,7	0,3	0,0	= -16,6
Indústrias extrativas	2,6	2,1	-3,1	1,8	0,6	1,9	< -11,1
Indústrias de transformação	-0,3	0,3	-0,3	-1,4	0,0	-0,1	< -5,5
Alimentos	0,4	5,0	-3,0	-4,2	4,8	-1,0	< 0,0
Têxtil	0,2	-1,8	-5,1	-2,8	-0,3	0,4	< 5,6
Vestuário	5,9	-5,0	1,4	-3,7	-7,1	2,7	>= 11,1
Couro e calçados	-0,4	-5,5	0,2	-2,1	-13,2	3,2	
Celulose e papel	5,0	1,8	-0,5	-1,2	-1,6	0,1	
Derivados de petróleo e biocomb.	-1,2	2,2	-4,8	-2,6	0,2	1,7	
Químicos	0,7	-7,7	9,5	0,1	-3,0	-1,0	
Limpeza e perfumaria	3,1	-1,5	-0,2	-3,6	-2,2	9,3	
Farmacêuticos	-16,6	12,0	9,7	-1,5	0,9	-5,3	
Borracha e plásticos	-0,4	-0,1	-0,1	-1,3	-2,6	0,4	
Minerais não-metálicos	-0,9	-0,7	1,4	-1,7	-1,8	0,6	
Metalurgia	-2,0	1,5	0,2	-7,6	4,6	3,7	
Metais	-0,8	-4,2	1,4	-0,7	-0,1	-2,9	
Informática e eletrônicos	-2,1	-6,1	5,7	1,5	-0,2	-3,9	
Máquinas e materiais elétricos	1,3	-1,8	-1,1	-1,3	-3,5	-0,9	
Máquinas e equipamentos	-3,2	-10,4	12,5	3,9	-9,1	0,7	
Veículos automotores	5,9	-6,0	10,8	-0,1	-6,7	3,8	
Outros equipamentos de transporte	-5,6	5,1	7,8	2,8	2,6	-2,6	
Outros produtos	-4,2	1,4	9,5	-8,3	-12,5	16,7	
Insumos construção civil	-1,1	0,7	-1,8	-1,3	-0,4	-2,5	

Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Comércio

As vendas no comércio varejista, medidas na PMC/IBGE, avançaram 0,5% na comparação entre outubro e setembro, na série livre de influências sazonais. Embora este resultado tenha representado a terceira variação positiva nesta base de comparação, a análise em médias móveis aponta para um cenário mais modesto. O crescimento de 0,2% verificado na média móvel do trimestre encerrado em outubro foi o primeiro resultado positivo após quatro meses de queda. Na comparação acumulada no ano, o comércio apresenta queda de 0,5% até outubro, com retração de 1% no acumulado em doze meses. Excluindo as vendas de veículos e materiais de construção, o chamado varejo restrito, por sua vez, subiu 0,4% na margem. De modo similar ao verificado no conceito ampliado, a análise em médias móveis aponta para um crescimento de 0,3% no trimestre encerrado em outubro, interrompendo sequência negativa de três meses. Menos sensíveis ao encarecimento do crédito, se comparadas ao varejo ampliado, as vendas no comércio restrito registraram aumento de 1% nos dez primeiros meses de 2022, enquanto na comparação acumulada em doze meses o resultado é praticamente nulo (0,1%). Na comparação interanual, ambas voltaram a ficar acima dos patamares verificados no mesmo período de 2021, mais uma vez com destaque para o varejo restrito (tabela 4). Entre os segmentos, vale destacar que o bom desempenho verificado nos últimos três meses tem sido heterogêneo. Em outubro, apenas quatro apresentaram crescimento na comparação com ajuste sazonal, reduzindo o grau de difusão de 64% para 45%. Os destaques positivos ficaram por conta das vendas de *materiais de escritório, informática e comunicação e outros artigos de*

uso pessoal, ambas com altas de 2% na margem. Na comparação em médias móveis, destacaram-se positivamente, além do segmento *combustíveis e lubrificantes* (13,4%), as vendas de veículos (1,3%). Já na comparação interanual, o cenário tem sido similar, com o grau de difusão mantendo-se constante em 55% nos últimos três meses.

TABELA 4
Vendas no varejo: evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual Mês do ano anterior					Acumulado	
	Ago./21	Set/22	Out./22	Trim. ¹	Ago./22	Set/22	Out./22	Contribuição em (p.p) ²	Trim. ¹	No ano	Em doze meses
Comércio varejista ampliado ³	0,0	1,5	0,5	0,2	-0,7	0,9	0,3	-	0,2	-0,5	-1,0
Comércio varejista restrito ⁴	0,2	1,2	0,4	0,3	1,6	3,2	2,7	1,9	2,5	1,0	0,1
1. Combustíveis e lubrificantes	4,0	1,3	0,4	13,4	30,3	34,7	34,2	2,1	33,1	14,9	11,2
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	0,3	1,3	0,2	0,8	1,4	3,8	2,6	0,8	2,6	1,1	0,8
2.1 Hipermercados e supermercados	0,3	1,3	-0,1	0,7	1,7	4,2	2,6	-	2,8	1,0	0,7
3. Tecidos, vestuário e calçados	11,4	-2,2	-3,4	-5,0	-5,5	-9,5	-14,8	-0,8	-10,0	4,0	2,4
4. Móveis e eletrodomésticos	1,2	-0,1	2,5	-0,3	-8,7	-6,1	-0,5	0,0	-5,2	-8,7	-11,2
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	-0,3	0,6	-0,4	-1,3	6,6	5,8	5,2	0,4	5,9	7,0	6,7
6. Livros, jornais, revistas e papeleria	2,8	1,9	-3,8	0,5	20,5	31,0	13,6	0,0	21,5	18,5	12,3
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-1,4	2,0	2,0	-0,7	2,0	7,0	8,1	0,1	5,7	2,1	0,5
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-1,1	-0,9	2,0	-2,0	-10,5	-10,1	-8,5	-0,8	-9,7	-8,2	-7,3
9. Veículos, motos, partes e peças	5,0	0,1	-1,7	1,3	-4,1	-1,2	-0,7	-0,2	-2,1	-1,3	-0,9
10. Materiais de construção	-0,9	-0,6	-3,5	-4,3	-7,0	-8,2	-12,7	-1,4	-9,3	-8,6	-8,2

Fonte: PMC/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

² Contribuição em pontos percentuais para a taxa mensal.

³ O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10.

⁴ O indicador do comércio varejista restrito é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

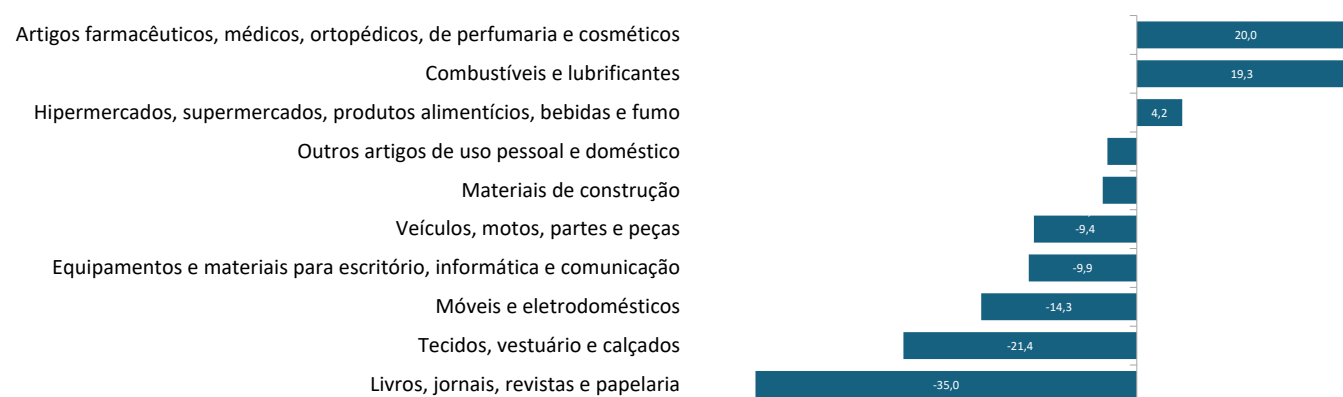
O resultado positivo registrado pelo comércio varejista nos últimos três meses deve ser visto com alguma cautela, uma vez que, embora as famílias ainda estejam se beneficiando da melhora ocorrida nos indicadores de mercado de trabalho ao longo do ano, traduzida em aumento dos níveis de emprego e de renda, sua saúde financeira, em contrapartida, vem piorando. Num contexto ainda caracterizado por inflação elevada, os efeitos do encarecimento do crédito vêm pressionando o orçamento familiar. Como consequência, os indicadores de inadimplência seguem aumentando, ao passo que o comprometimento da renda das famílias com o serviço de dívidas passadas atingiu níveis historicamente elevados. Com o resultado de outubro, o volume de vendas no varejo ampliado encontra-se num patamar 0,9% inferior ao nível pré-pandemia. Entre os segmentos, com exceção das vendas de artigos farmacêuticos, combustíveis e alimentos, todos os demais encontram-se na mesma situação, notadamente aqueles bens mais sensíveis à taxa de juros (gráfico 6). Além dos efeitos provocados pelo aumento das taxas de juros, a dinâmica apresentada pelos preços tem influenciado o comportamento do comércio. Com base nos deflatores da PMC de outubro, metade dos segmentos ainda apresenta taxas de inflação acumuladas em doze meses acima de dois dígitos. Se, por um lado, a trajetória de deflação registrada pelos

preços no segmento de combustíveis (-20,2%) tem impulsionado as vendas neste setor (34,2%), por outro lado, outros segmentos continuam bastante pressionados, entre eles os de veículos (11,6%), hipermercados (13,4%) e vestuário (18,7%), sendo este último o destaque negativo, com queda de 14,8% em termos interanuais (gráfico 7). Para os próximos meses, como contraponto, é esperado algum estímulo no mercado de bens sustentado pela manutenção de algumas medidas governamentais de apoio à economia e à população mais carente. Neste sentido, acreditamos ser possível alguma resiliência no consumo de bens, principalmente aqueles mais dependentes da renda.

GRÁFICO 6

Comércio varejista por segmentos: comparação entre os níveis de outubro de 2022 e fevereiro de 2020

(Em %)



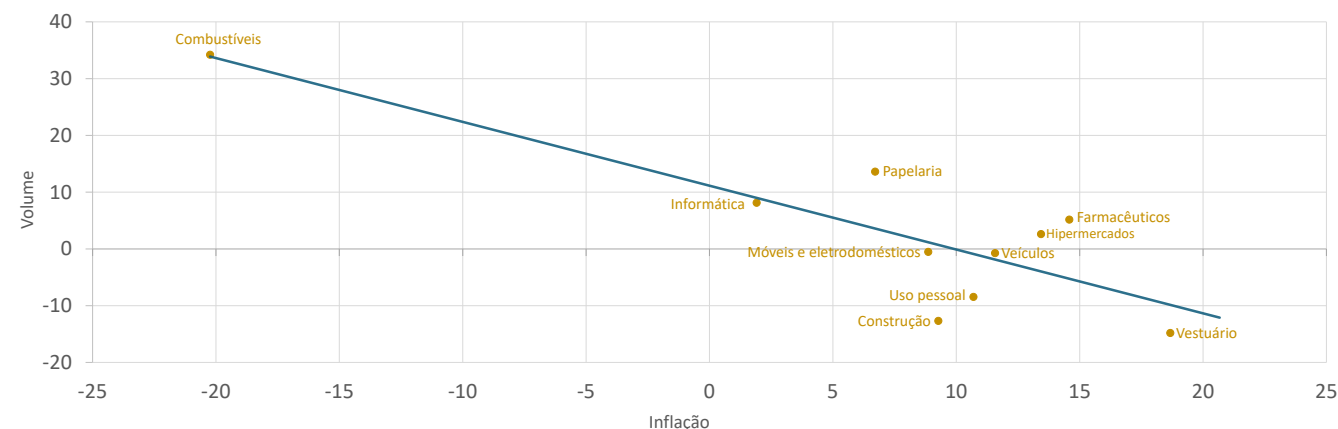
Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 7

Comércio varejista: volume de comércio vs inflação – taxas de variação anuais (out./2022)

(Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em relação a novembro, com base nos indicadores coincidentes divulgados até o momento, a Dimac/Ipea espera quedas de 1,2% na margem e de 2,5% na comparação interanual para o volume de vendas no varejo ampliado. Com este resultado, o *carry-over* para o quarto trimestre ficaria em 0,7%. No conceito de varejo restrito, esperamos também um resultado negativo, com uma queda de 1% sobre outubro. Entre os segmentos, os destaques positivos ficam por conta das vendas de tecidos, vestuário e calçados (0,9%) e de veículos, motocicletas, partes e peças (1,4%) (tabela 5).

TABELA 5

Comércio varejista: desempenho recente e previsão para novembro de 2022 – variação contra o período anterior dessazonalizada
(Em %)

	jun	jul	ago	set	out	nov		
Varejo ampliado	-2,2	-0,3	0,0	1,5	0,5	-1,2		= -12,3
Varejo restrito	-1,8	-0,2	0,2	1,2	0,4	-1,0		< -8,2
Combustíveis e lubrificantes	-0,4	12,6	4,0	1,3	0,4	-0,1		< -4,0
Hiper e supermercados	0,0	-0,6	0,3	1,3	0,2	0,5		< 0,1
Tecidos, vestuário e calçados	-11,3	-12,3	11,4	-2,2	-3,4	0,9		< 4,3
Móveis e eletrodomésticos	-1,0	-2,9	1,2	-0,1	2,5	-3,7		>= 8,5
Artigos farmacêuticos e perfumaria	0,0	-1,8	-0,3	0,6	-0,4	-3,1		
Veículos, motocicletas, partes e peças	-4,3	-2,4	5,0	0,1	-1,7	1,4		
Material de construção	-1,5	-2,1	-0,9	-0,6	-3,5	-2,6		

Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4 Serviços

Segundo a PMS/IBGE, o setor de serviços recuou 0,6% em outubro, na série livre de efeitos sazonais. O resultado sucedeu crescimento de 0,5% no período anterior, quando o indicador atingiu o ponto mais alto da série histórica, e interrompeu uma sequência de cinco meses de crescimento na margem. Na comparação em médias móveis de três meses, a atividade registrou crescimento dessazonalizado de 2,6%, sendo este o 27º período seguido de alta. Em relação ao mesmo período do ano anterior, os serviços aumentaram 9,5% em outubro, acumulando no ano alta de 8,7% (tabela 6).

TABELA 6

Serviços (PMS): evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Ago./21	Set./22	Out./22	Trim. ¹	Ago./22	Set./22	Out./22	Trim. ¹	No ano	Em doze meses
Total	1,2	0,5	-0,6	2,6	8,7	9,4	9,5	9,2	8,7	9,0
1. Serviços prestados às famílias	0,9	0,8	-1,5	1,4	21,8	18,0	21,8	16,6	27,9	26,7
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	1,4	0,0	-1,9	1,6	22,7	17,3	22,7	16,3	28,7	27,4
1.2 Outros serviços prestados às famílias	-3,9	4,3	-1,0	1,0	16,9	22,1	16,9	18,4	23,5	23,1
2. Serviços de informação e comunicação	0,9	1,8	0,7	3,0	3,1	6,0	3,1	5,8	3,7	4,9
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	2,2	1,5	0,8	3,9	3,7	6,8	3,7	6,8	3,9	5,1
2.1.1 Telecomunicações	1,8	1,7	-2,5	0,8	-6,7	-3,6	-4,9	-5,1	-6,7	-5,9
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	1,4	2,5	6,8	8,4	17,3	19,9	28,7	22,0	18,4	20,1
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-2,5	1,1	-3,4	-2,9	-2,3	-0,8	-2,3	-2,5	1,9	3,2
3. Serviços profissionais, administrativos e complementares	0,2	0,7	-0,8	0,0	7,6	7,7	8,3	7,9	7,8	7,6
3.1 Serviços técnico-profissionais	1,5	2,9	-3,7	1,4	9,1	9,9	8,3	9,1	7,4	7,4
3.2 Serviços administrativos e complementares	-0,4	-0,3	0,3	-0,5	7,0	6,8	8,3	7,3	7,9	7,7
4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	0,9	-0,3	-1,8	2,0	15,3	15,0	12,0	14,1	13,9	14,0
4.1 Transporte terrestre	1,0	-0,7	-1,0	1,8	24,5	22,0	18,2	21,6	19,1	18,4
4.2 Transporte aquaviário	0,8	-3,2	-0,6	1,5	16,4	12,2	9,0	12,5	12,2	13,3
4.3 Transporte aéreo	0,3	2,4	-10,1	-0,5	8,7	21,8	8,8	13,1	34,7	36,5
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	0,7	1,3	-1,2	4,1	3,2	3,8	3,7	3,6	2,4	3,2
5. Outros serviços	6,9	-3,1	2,6	2,6	4,2	-2,2	6,5	0,5	-3,6	-3,7
Atividades Turísticas²	1,1	0,6	-2,8	0,9	4,3	22,7	16,1	20,4	34,5	33,5

Fonte: PMS/IBGE.

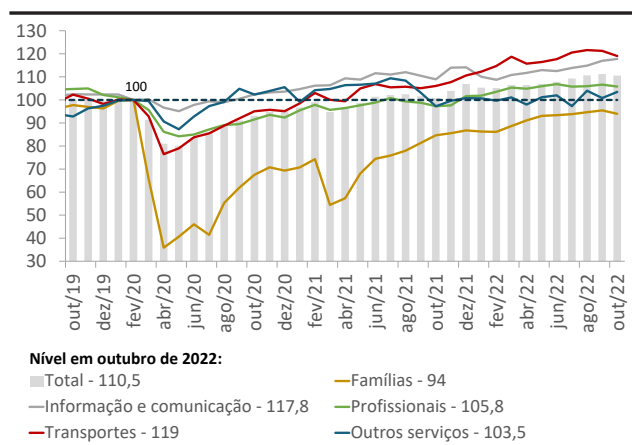
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

² Índice especial construído a partir de grupamentos de segmentos associados à atividade turismo.

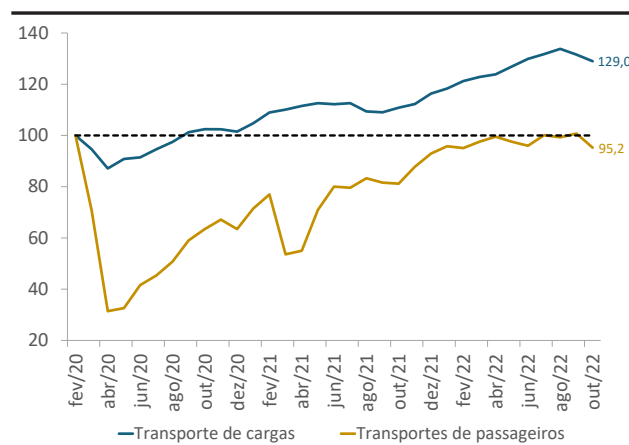
Entre os segmentos, três das cinco atividades que compõem o setor registraram queda na comparação com ajuste sazonal. Após registrarem sete altas consecutivas, os serviços prestados às famílias recuaram 1,5% na margem. Atividade mais afetada durante o período de crise sanitária, seu nível ainda se encontra 6% abaixo do patamar pré-pandemia (gráfico 8). Já o setor de serviços profissionais, administrativos e complementares apresentou queda de 0,8% na comparação com setembro. O resultado foi explicado pelos serviços técnico-profissionais, que recuaram 3,7%. O destaque negativo ficou por conta dos serviços de transportes, cuja queda de 1,8% representou a maior influência negativa no resultado de outubro. O mau desempenho foi generalizado em todos os ramos investigados, seja na análise por modais, com quedas em terrestre, aquaviário e aéreo (este influenciado negativamente pelo aumento nos preços das passagens aéreas), seja na análise por tipo de uso, com queda no transporte de passageiros e de carga (gráfico 9). Em contrapartida, exerceram contribuição positiva os segmentos informação e comunicação (0,7%) e outros serviços (2,6%). Na comparação interanual, o bom desempenho de outubro foi generalizado entre os cinco segmentos, com destaque para a atividade transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (12,0%), responsável pela maior contribuição positiva para o resultado de outubro.

GRÁFICO 8
Serviços: evolução do total e subsetores – séries dessazonalizadas (out./2019-out./2022)
 (Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 9
Serviços: volume de transportes por tipo de uso – séries dessazonalizadas (fev./2020-out./2022)
 (Fev./2020 = 100)



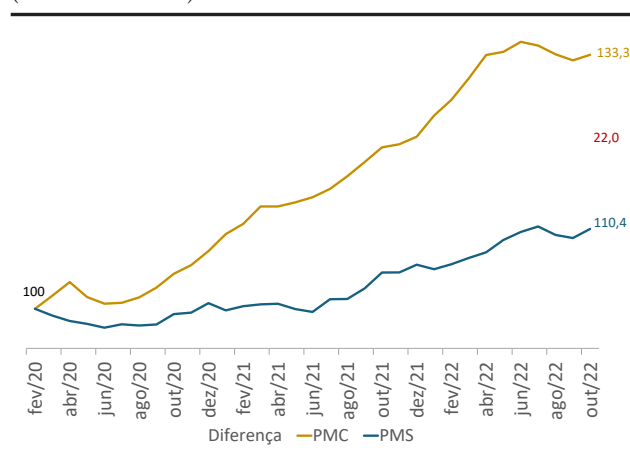
Fonte: Ipea; IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O desempenho da atividade de serviços continua sendo o principal motor de estímulo para a economia brasileira. Mas vale ressaltar que, embora a perda de fôlego recente possa ser vista como apenas uma acomodação, levando em conta que o patamar verificado em setembro foi o maior da série histórica, alguns dos fatores responsáveis por esse forte desempenho tendem a perder um pouco de força nos próximos meses. Em primeiro lugar, seu ritmo de crescimento acompanha de perto a melhora observada nos indicadores de mercado de trabalho ao longo do ano. Desde o fim do processo de normalização da mobilidade urbana, a recuperação dos níveis de empregos presenciais, com destaque para a criação de empregos formais, juntamente com a recuperação (essa mais tardia e modesta) dos níveis de renda, tem estimulado e potencializado a demanda por serviços. Dito isto, é normal que ocorra algum arrefecimento na criação de postos de trabalho (como já vem acontecendo nos últimos meses), tirando, assim, um pouco desse ímpeto. Em segundo lugar, com a normalização da economia, num primeiro momento, a existência de uma demanda reprimida por este tipo de consumo permitiu um crescimento acelerado. Hoje, todavia, esse hiato já é bem menor e

apenas o segmento dos serviços prestados às famílias ainda se encontra abaixo dos níveis pré-pandemia. Em contrapartida, a respeito do efeito de migração entre o consumo de bens e serviços, a evolução dos preços nestes dois mercados ainda é um fator de estímulo importante (gráfico 10).

Para novembro, a Dimac/Ipea estima que o volume de serviços medido pela PMS apresente recuo de 0,3% na série sem efeitos sazonais, atingindo patamar 6,5% acima do mesmo período do ano passado. Com isso, o *carry-over* para o quarto trimestre ficaria em -0,1%. Entre os cinco segmentos, apenas a atividade serviços prestados às famílias apresentaria crescimento em novembro, com alta de 0,2%. A maior contribuição negativa viria dos serviços de informação e comunicação, com recuo de 2,7% na margem (tabela 7).

GRÁFICO 10
Serviços e comércio: evolução dos deflatores (fev./2020-out./2022)
 (Fev./2020 = 100)



Fonte: Ipea; IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 7
Serviços: desempenho recente e previsão para agosto de 2022 – variação contra o período anterior dessazonalizada
 (Em %)

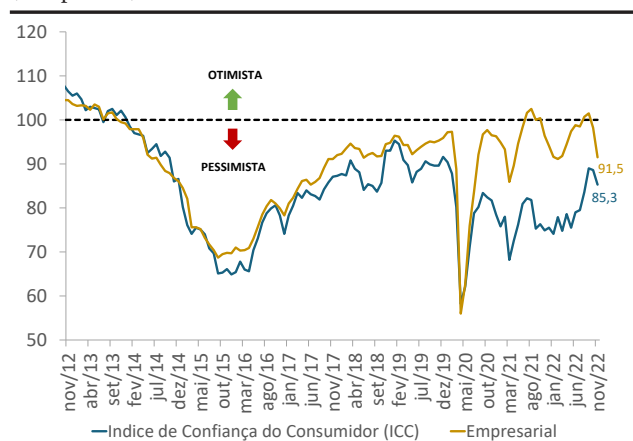
	jun	jul	ago	set	out	nov	
Serviços	0,8	1,4	1,2	0,5	-0,6	-0,3	< -4,6
Serviços prestados às famílias	0,3	0,5	0,9	0,8	-1,5	0,2	< -2,7
Serviços de informação e comunicação	-0,4	1,2	0,9	1,8	0,7	-2,7	< -0,8
Serviços profissionais, administrativos e complementares	0,8	-1,0	0,2	0,7	-0,8	-0,5	< 1,2
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	1,1	2,4	0,9	-0,3	-1,8	-2,1	< 3,1
Outros serviços	0,8	-4,6	6,9	-3,1	2,6	-2,2	>= 5,0

Fonte: Ipea; IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

5 Confiança

A piora no cenário para a atividade econômica ao longo dos últimos meses tem se refletido no comportamento dos indicadores de confiança dos agentes. De acordo com as pesquisas Sondagens Setoriais, o Índice de Confiança Empresarial (ICE) atingiu o patamar de 91,5 pontos em novembro, com queda de 6,7 pontos ante o mês anterior, na série com ajuste sazonal. Esta foi a maior queda desde março de 2021, quando os efeitos da covid-19 contribuíram para um recuo de 7,4 pontos ante o período anterior (gráfico 11). Entre os setores, o recuo foi generalizado, com destaque negativo para o comércio, em que a confiança retraiu 10,8 pontos na margem. O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), por sua vez, registrou queda de 3,3 pontos sobre outubro, a segunda consecutiva nesta comparação. O resultado foi explicado tanto pela piora na avaliação das famílias em relação à situação atual (-3,7 pontos)

GRÁFICO 11
Indicadores de confiança: empresarial versus consumidores – séries dessazonalizadas (nov./2012-nov./2022)
 (Em pontos)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

quanto pela redução das expectativas para os próximos meses (-2,7 pontos). Entre os quesitos que compõem o indicador, o que mais contribuiu para a queda em novembro foi a situação financeira das famílias nos próximos seis meses.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor)
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos (Diretor Adjunto)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos (Editor)
Fábio Servo
José Ronaldo de Castro Souza Júnior
Leonardo Mello de Carvalho
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Sandro Sacchet de Carvalho

Pesquisadores Visitantes:

Ana Cecília Kreter
Andreza Aparecida Palma
Antônio Carlos Simões Florido
Cristiano da Costa Silva
Felipe Moraes Cornelio
Paulo Mansur Levy
Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Alexandre Magno de Almeida Leão
Antonio Henrique Carlota de Carvalho
Caio Rodrigues Gomes Leite
Diego Ferreira
Diego Rosalino Marques
Felipe dos Santos Martins
Izabel Nolau de Souza
Marcelo Lima de Moraes
Pedro Mendes Garcia
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.
